

ELOGIOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA HELENA DA ROCHA PEREIRA
(Universidade de Coimbra)

RESUMO

Muitas vezes se tem escrito elogios da Língua Portuguesa, sobretudo desde António Ferreira, o único poeta que, contrariamente aos seus mais famosos contemporâneos, nunca escreveu um só verso em espanhol. Outros escritores exaltaram também a beleza e variedade do Português, entre os quais Rodrigues Lobo, que, no século seguinte, compôs o mais famoso dos seus elogios. Depois veio, no século XVIII, a invasão dos chamados “galiciparlas”, que foram severamente criticados por outros poetas portugueses, sobretudo por Filinto Elísio e Elpino Duriense, que comparavam a variedade e riqueza do vocabulário da Língua Portuguesa, não só com o Espanhol, Italiano e Francês, mas também com as Línguas Anglo-Saxónicas e Germânicas. Ao fazê-lo, Elpino Duriense esboça aspectos fónicos que parecem provar que o tão discutido cerramento das vogais pretónicas, sobretudo [e] e [o], não ocorreu antes do começo do séc. XIX (fenómeno que é actualmente um traço distintivo entre a pronúncia portuguesa e a brasileira). No séc. XX, o famoso dito de Fernando Pessoa, de que a sua pátria era a Língua Portuguesa, encontrou significativos ecos em Alberto Lacerda, Jorge de Sena e Rui Knopfli, um grupo de poetas que foi educado e viveu em países de Língua Inglesa. Todos estes poetas são, pois, testemunhas do poder aglutinante da língua.

ABSTRACT

Praises of the Portuguese language have often been written, mostly since António Ferreira, the only poet who, contrarywise to his most famous contemporaries, never wrote a single line in Spanish. Other writers also extolled the beauty and variety of Portuguese, its most celebrates praise being the one by Rodrigues Lobo in the following century. Then came the invasion of the so called “Galiciparlas” in the eighteenth century, who were heavily criticized by other Portuguese poets, most of all by Filinto Elísio and Elpino Duriense, who compared the variety and richness of the vocabulary of the Portuguese speech not only with Spanish, Italian and French, but also with the Anglo-Saxon and Germanic languages. In so doing, Elpino Duriense adumbrates a phonic approach, which appears to

prove that the much discussed closing of pretonic vowels, mostly [e] and [o], did not occur before the beginning of the nineteenth century (this phenomenon being now a distinctive trait between Portuguese and Brazilian pronunciation. Twentieth century poets, starting with the much celebrated saying of Fernando Pessoa that the Portuguese language was its country, had significant echoes in Alberto Lacerda, Jorge de Sena and Rui Knopfli, also a set of poets who were educated or lived in English speaking countries. All these poets testify to the agglutination power of language.

*

É em António Ferreira, todos o sabem, que principiam os elogios da Língua Portuguesa. Numa época, portanto, em que o bilinguismo literário era não só corrente, como praticado pela generalidade dos poetas, desde Gil Vicente a Camões, destaca-se cedo o protesto deste doutor conimbricense (nascido, aliás, na capital), que escreve uma longa carta em verso ao seu amigo Pedro de Andrade Caminha, em que, depois de o situar entre os paladinos do renascimento (“em ti quiseram / as Musas renovar a Antiguidade”), o adverte solenemente da obrigação em que todo o escritor se encontra de cultivar, acima de tudo a própria língua¹:

Do que antigamente mais pregaram
todos os que escreveram foi honrar
a própria língua, e nisso trabalharam.

Cada um andava pola mais ornar
com cópia, com sentenças, e com arte,
com que pudesse d’outras triunfar.

A exortação vai prosseguir com o apelo ao paradigma grego e latino, como era de regra entre os quinhentistas, mas logo diversificado pelos grandes cultores de Espanha, França, Itália. Curiosamente, nos tercetos seguintes a equação amor à pátria – amor à língua vai alargar-se a povos bárbaros, de modo que “getas, arábios, persas e caldeus” surgem ao lado de “gregos e romãos e toda a outra gente”.

Perpassa em seguida a noção, já tantas vezes apontada pelos estudiosos, da urgência em exaltar os feitos lusitanos no Oriente, aqui

¹ *Cartas* I, 13-18. Nas citações dos *Poemas Lusitanos* seguimos a edição de T. F. Earle (Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2000).

sugerida através do *adynaton* que resultaria de um capitão dar ordens de comando aos seus homens em língua estrangeira².

De novo a obrigação para com a terra-mãe vai afirmar-se nas suas duas vertentes (v. 66):

ou seja com bom braço ou bom saber,

até se encaminhar para a famosa dicotomia que já vinha, também ela, da Antiguidade (lembre-se a insistência com que Cícero opunha *arma e toga*) e que atinge o seu ponto mais alto nos versos 91-92

ó quantos quanta mor fama ganharam
co' a pena que outros com a espada!

A exortação adquire um tom mais veemente a partir do verso 104, até que atinge a sua mais alta expressão no mais célebre dos tercetos do autor:

Floreça, fale, cante, ouça-se e viva
a portuguesa língua, e já, onde for,
senhora vá de si, soberba e altiva.

Os tercetos cometem a Andrade Caminha a missão de demonstrar a capacidade do idioma nacional. Atente-se sobretudo neste passo (verso 130-132):

Mas tu farás que os que mal julgaram
e inda as estranhas línguas mais desejam,
confessem cedo ant' ela quanto erraram.

A mesma expressão de amor à língua pátria, agora transposta para a primeira pessoa, encerra outro dos mais famosos poemas de António Ferreira, possivelmente composto pela mesma época³, a Ode I do livro I. É aí que uma nova censura aos que a não cultivam (“língua aos teus esquecida”) se conjuga com a modesta renúncia a exceder os limites

² A. Roïg, “António Ferreira et l’aventure lusitanienne d’outremer”, *Arquivos do Centro Cultural Português* (1980) 577-607, faz a lista dos poetas a quem Ferreira sugeriu a celebração desses temas, mostrando expressamente a insistência (cinco exemplos) para com Andrade Caminha (p. 602).

³ T. F. Earle, nos comentários à sua edição, propõe 1554 para *terminus ante quem* da composição da carta, e 1557 para a da Ode.

da lírica e, ao mesmo tempo, com a reafirmação do seu empenho em ilustrar a língua materna (vv. 25-30)⁴:

A mim pequena parte
 cabe inda do alto lume
 igual ao canto: o brando Amor só sigo,
 levado do costume.
 Mas inda em algũa parte
 – Ah, Ferreira – dirão –, da língua amigo.

Seja-nos permitido chamar a atenção para a tonalidade mais subjectiva que V. M. Aguiar e Silva encontrou no Soneto 31 do Livro II, também esse endereçado a um poeta que não escrevia na língua nacional, e que, talvez por esse motivo, não encontrava eco junto da sua amada (v. 11):

 não é tua voz com tanto efeito ouvida.

Está aqui subjacente como agudamente escreveu aquele Professor, “uma reflexão mais profunda, surpreendentemente moderna, acerca das relações expressivas, comunicativas, cognitivas, podemos mesmo dizer ontológicas existentes entre a língua materna e o mundo interior, subjectivo, vivencial, representado no poema”⁵.

Este valor do uso do idioma pátrio como meio privilegiado da comunicação de sentimentos profundos vai-nos aparecer, efectivamente, na contemporaneidade, como veremos adiante.

Voltando ao nosso quinhentista, não podemos deixar de referir aquele, aliás bem conhecido, terceto final da elegia em que Diogo Bernardes pranteia o seu desaparecimento:

Verei com secos olhos seca a veia
 que dando à pátria tantos versos raros,
 um só nunca lhe deu em língua alheia?

Entretanto, vários indícios apontam para o que Maria Leonor Carvalhão Buescu chamou “a polémica mais ou menos latente durante os séculos XVI e XVII entre os decididos apologistas da língua nacional e os que reconheciam a superioridade da castelhana como

⁴ Dois séculos mais tarde, Filinto Elísio far-se-á eco deste verso na sua “Carta a Brito”, v. 804:

Bom Ferreira, de nossa língua amigo!

⁵ A citação é do estudo introdutório à edição fac-simile de 1598 dos *Poemas Lusitanos* (Braga, Universidade do Minho, 2000), p. XI.

língua de maior circulação, expressividade e riqueza”⁶. A questão está bem clara no *Diálogo em Louvor da Nossa Linguagem*, de João de Barros, que, depois de comparar as qualidades das línguas italiana, francesa e espanhola entre si, começa a enumerar os atributos da materna, a partir desta pergunta retórica⁷:

Que se pode desejar na língua portuguesa que ela não tenha?

Qualidades semelhantes lhe aponta também Duarte Nunes de Leão, no seu tratado *Origem da Língua Portuguesa*.

Proximidade do Latim, majestade, gravidade, “força para declarar, mover, deleitar, exortar” são as principais características, que não andam longe das que, no século seguinte, lhe assinalará como próprias aquele que é certamente o mais famoso dos encômios da língua portuguesa: o que Rodrigues Lobo compôs no Diálogo I de *A Corte na Aldeia*. Precisamente porque é muito conhecido (e mais ainda a censura final ao desleixo com que a língua é tratada – “a trazem mais remendada do que capa de pedinte”), não nos deteremos nela senão para sublinhar os motivos da primazia que também aqui lhe é dada sobre as outras:

Tem de todas as línguas a melhor: a pronúncia de Latina, a origem da Grega, a familiaridade da Castelhana, a brandura da Francesa, a elegância da Italiana.

Um estudioso das Línguas Clássicas dificilmente aceitaria comprovar a exactidão do confronto com qualquer delas, mas não pode deixar de admirar o exercício de estilo que brilha em todo este trecho. As observações à doçura da pronúncia e à simplicidade da ortografia (“escreve-se da maneira que se lê e assim se fala”) é que não condizem por completo com as de uma autora sua contemporânea, Bernarda Ferreira de Lacerda, que, no começo do seu poema *Hespaña Libertada*, depois de pedir desculpa a “mi patrio reyno Lusitano”, por escrever em castelhano, para assim a sua musa “ser mais vulgar y

⁶ A citação é da p. XXXI da Introdução à sua edição de João de Barros, *Gramática da Língua Portuguesa* (Lisboa, Faculdade de Letras, 1971), onde, por sua vez, remete para o prólogo de Eugenio Asensio, *A Comédia Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcelos (Madrid, 1954), pp. XL-LII.

⁷ P. 399 da edição citada na nota anterior.

conhecida”, prossegue com uma observação, para nós preciosa sobre as dificuldades da pronúncia do português⁸:

Confieso de tu lengua que merece
 Mejor lugar despues de la Latina,
 Con que en muchas palabras se parece,
 Y es como ella de toda historia dina.
 Empero el ser tan buena la escurece;
 Y asi la estraña gente nunca atina
 Con tu pronunçiaçión y dulces modos.
 Y la Hespañola es facil para todos.

Porém, na centúria seguinte, surgirá, como se sabe, e por muito tempo, uma nova ameaça à pureza da língua, porquanto, à miragem castelhana se substituirá aquilo a que Garrett⁹ chamou a “galomania” e outros o “francesismo”.

A moda do francesismo está ridicularizada, como é do conhecimento geral, num episódio do *Hissope*, mas é de Filinto Elísio que lhe vem o grande ataque, principalmente na “Carta a Brito”, no “Arrazoado” e no “Debique”. Aí, as invectivas contra os que adulteram a língua materna e os louvores aos que a cultivaram sucedem-se revelando ao mesmo tempo a criatividade linguística e estilística do autor. A “Carta a Brito”, a mais marcadamente didáctica, imagina, a certa altura, um diálogo com Correia Garção, e noutro momento, põe em cena o Padre António Vieira a falar com um peralta e com Ribeiro. Por sua vez, o “Debique” encena um encontro com Quevedo e um Francelho-Mor, opondo “latiniparlas” a “galiciparlas”. O “Arrazoado” forja, mediante um sufixo verbal frequentativo, uma caricatura da situação presente (59-67):

Muitos que hoje escrevem franceseam.
 Francesear agora é tão absurdo
 Quanto o fora nos séculos latinos
 Vandalear, falar suevo ou godo.
 Francesear em língua portuguesa

⁸ Parte primeira, canto primeiro, est. 6. A citação tomamo-la de J. A. Segurado e Campos, ed., Gabriel Pereira de Castro, *Ulisseia ou Lisboa Edificada* (Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian, 2004), vol. II (Estudos Histórico-Literários)p. 311.

⁹ *Bosquejo da História da Poesia e da Literatura Portuguesa*, p. 496 do vol. I da edição de Lello e Irmão (Porto 1966). Retomando expressões de Filinto, Garrett escreve ainda que “nos enxovalharam a língua e a fama os tarelos, francelhos, galiciparlas e toda a caterva dos galómanos”. Da preponderância do francês no século XIX, dá testemunho, entre outros, Eça de Queirós no seu artigo “O Francesismo”, reimpresso na colectânea *Últimas Páginas*.

Se atrevem quatro tolos vangloriosos
de uns laivos que puseram mal assentes
na face maternal que se envergonha.

Contudo, escreve o poeta mais adiante, não lhe seria difícil exprimir-se nessa língua, ele que há tantos anos vive exilado e isolado em Paris (221-228):

Cuidam esses pataus que, se eu quisesse
como eles escrever afrancesado,
me faltariam posses? Eu, que vivo
há vinte anos e mais, entre franceses,
falando muito raro e ouvindo menos
português puro, falto de bons livros,
que a castigada frase me renovem,
que me acudam com termos esquecidos.

O remédio é apontado na conclusão da “Carta a Brito”, em palavras que os reformadores da educação de hoje bem podiam meditar (1555-1558):

Aprendeí, estudai; e os bons autores
sabereis ter em crédito e valia.
Eles a língua em seu primor criaram
eles no-la poliram... ..

Os poemas de Filinto, de que acabamos de ver exemplos, insistem mais na defesa da língua e na exaltação dos autores paradigmáticos do Renascimento e da Arcádia do que propriamente nos seus louvores. Esta última atitude vamos encontrá-la num seu contemporâneo muito menos famoso como poeta, mas muito mais influente na sociedade em que viveu¹⁰. Trata-se de António Ribeiro dos Santos, de seu nome arcádico Elpino Duriense.

É principalmente em seis das suas epístolas que se exprimem as preocupações com estes valores. Também este autor refere o francesismo, como, por exemplo, na carta a Francisco José da Serra, “Sobre o desprezo em que muitos têm a Língua Portuguesa preferindo-lhe as estranhas”, como se lê no subtítulo. Atente-se em especial neste passo (7-17):

¹⁰ Sobre esta figura e a sua acção, veja-se em especial José Esteves Pereira, *O Pensamento Político em Portugal no Século XVIII. António Ribeiro dos Santos* (Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1983).

.....Não falam
 já nossos moços Português, só parlam
 ou um dialecto informe nunca ouvido,
 de Português e de Francês meado.
 Assim se educam no Colégio os moços,
 assim nos vem de fora, parolando
 mancebos viajantes que aprenderam
 quatro termos da moda, vinte frases
 do estrangeiro Romance mal trazidas.

Prolonguei um pouco a citação, porque também aqui a sua actualidade é flagrante na medida em que o protesto visa os inconvenientes da prática, hoje tão apregoada, de começar a aprender uma segunda língua quando ainda não se adquiriu um domínio razoável da própria.

Note-se porém, desde já, que Elpino Duriense tem uma noção clara da evolução da língua (“ao tempo estão sujeitas as palavras, / umas se fazem velhas, outras nascem”, como escrevera Correia Garção em clave horaciana)¹¹, ao dedicar a Aléxis uma epístola “Sobre a afectação dos que escrevem por linguagem velha”.

Mas mais importante é o relevo que Elpino confere ao paradigma (e aqui novamente os nossos pedagogos actuais encontrarão matéria para reflectir). Duas extensas Epístolas, ambas dirigidas a António Ferreira de Sampaio, e subordinadas a uma epígrafe alógrafa tirada de António Ferreira a que de começo nos referimos (“Floreça, fale, cante-se, ouça-se e viva / a Portuguesa Língua”) versam “Sobre o estudo da Língua Portuguesa”, uma “pelo que respeita aos Prosadores” e outra “pelo que respeita aos Poetas”. Ambas mencionam larga cópia de autores, caracterizando-os muitas vezes com grande agudeza (é o caso de Fernão Mendes Pinto – “As Viagens de Pinto / encantadoras / Heródoto de Lísia” I, 53-54 – e de Frei Luís de Sousa – “O fácil Sousa, que a dicção volteia / e qual a mole cera, a move e abranda, / e a faz flexível, onde quer que a leva”, I, 100-103). Mas não é menos curioso observar o afloramento do jurista que era, acima de tudo, António Ribeiro dos Santos, ao encetar os seus modelos de prosa pelas Ordenações Afonsinas. Não faltam, de permeio, os elogios à riqueza, beleza, gravidade, melodia da Língua, nem o *topos*, que já encontrámos noutros autores, da comparação com os idiomas de outros povos (e atente-se em que já não são apenas referidos os

¹¹ Respectivamente, *Sátiras* II. 52-56 e *Arte Poética* 60-62.

românicos, mas também os “Bretões” e os “Góticos Tudescos”¹²; o tópico recorre na segunda epístola, mas agora de forma mais limitada, porque se trata de comparar a sua melodia “à língua Argiva” e “à Itálica”¹³. Aliás, nesta composição há todo um prómio a exaltar as virtualidades da língua portuguesa, que culminam numa quase divinização (II, 38-40):

Idioma sagrado d’altas Musas,
sobe longe da terra aos astros puros,
campeia pelo Olimpo, e fala aos Deuses.

Este movimento ascensional observa-se igualmente no epílogo da Epístola anterior, mas desta vez com a vantagem de ligar, numa clara alusão, o passado histórico da era dos navegadores ao maravilhoso pagão “do poema imortal que as Musas amam” (I, 115-117):

.....quanto
cabedal de expressões não volve a Língua,
costumada a falar ao mar, e aos ventos,
a falar c’ os Tritões e co’ as Nereides,
co’ os deuses todos no cerúlio império!

Especial interesse para o nosso ponto de vista tem a Epístola A Monsenhor Ferreira, essa claramente definida como sendo “Em louvor da nossa Língua”. Não porque os *topoi* usados sejam novos, mas porque encara o francesismo por um ângulo diferente e decisivo, considerando “a tão valida / Francesa Língua que ora voga tanto” como inferior à nossa. Mais ainda: tirando-lhe os termos eruditos, provenientes do Grego e do Latim (23-28):

Em tudo o mais, se tu a bem comparas
co’ a nossa natural, é frouxa e estreita.
Não tem força de termos majestosos,
não tem vozes esdrúxulas dactílicas,
não tem ricos vocábulos compostos,
que épica trompa belicosa entoe.

A novidade aqui, em relação aos textos anteriores, reside em ter acrescentado ao inventário uma diferença inquestionável de ordem fônica: a ausência de proparoxítonas.

¹² “A António Ferreira de Sampaio”, I. 1-13.

¹³ “A António Ferreira de Sampaio”, II.20-21.

Este alargamento ao campo da fonética, se bem que não inédito, será precisamente um dos factores de maior interesse do poema que nos falta considerar: a Carta a Agostinho José da Costa Macedo, “Sobre a harmonia mecânica da Língua Portuguesa”.

Embora não muito mais extensa (52 versos) e retomando, mais uma vez, o motivo da comparação com outros idiomas, ela contém dados importantes sobre a pronúncia coeva, que vêm juntar-se aos fornecidos pelas gramáticas e ortografias dos séculos XVI a XVIII, sem esquecer os que figuram na Carta I do *Verdadeiro Método de Estudar*.

Ora pela positiva, ora pela negativa, Elpino Duriense vai enumerando as qualidades fónicas que exornam a Língua Portuguesa: proporcionalidade entre vogais e consoantes (ao contrário do “rude encontro / de muitas consoantes mal unidas” das Línguas Germânicas); ausência do “cigano cecear travado” e dos “ríspidos sonidos na garganta / do Andaluz e Árábico mourisco” (que serão certamente as sibilantes) e ainda “as vozes sibilando com os hórridos silvos insulares / dos cerúleos Britanos, que te espantam”, os quais devem corresponder à sibilante interdental característica do Inglês.

Outros dados se contêm neste Louvor, mas limitar-nos-emos a realçar aquele que nos parece de maior interesse, o dos vv. 16-18:

Sem muitos sons nasais, que desagradam,
sem tantos mudos *és* que a França aumenta,
sem tantos *us* sonidos que ensurdecem.

Trata-se da discutida questão do cerramento do *e* e do *o* átonos, fenómeno “dos mais importantes, mas também dos mais obscuros do Português”, como escreveu Paul Teyssier na sua *História da Língua Portuguesa*¹⁴. Diversas teorias foram já formuladas para tentar datar a ocorrência desta característica alteração. Cingimo-nos à de J. G. Herculano de Carvalho¹⁵, que, depois de ter examinado os numerosos gramáticos e ortógrafos dos séculos XVI-XVIII – embora sem

¹⁴ Citamos pela versão portuguesa de Celso Cunha (Lisboa, Sá da Costa Editora, 1982), p. 56. Na nota 41 (pp. 105-106) encontra-se a bibliografia fundamental deste assunto.

¹⁵ “Nota sobre o vocalismo antigo português: valor dos grafemas *e* e *o* em sílabas átonas”, *Revista Portuguesa de Filologia* 12 (1962) 12-73 = *Estudos Linguísticos* (Coimbra, Atlântida Editora, 1969), vol. II, pp. 75-103.

Agradecemos também à Doutora Maria José de Moura Santos alguns esclarecimentos sobre esta matéria.

esquecer que eles partiam da representação ortográfica para a realidade –, adverte que só os de Fernão de Oliveira (1530) e, no século XVIII, os de D. Luís Caetano de Lima e de Verney podem contribuir para nos esclarecer. A conclusão seria que os grafemas átonos <e> e <o> representavam, nos meados do século XVIII [i] e [u] em sílaba final, ao passo que, em posição pretónica, correspondiam a [e] e [o] fechados e ainda a [ə] e [u] – evolução que diverge da brasileira.

Pela nossa parte, apenas podemos recordar que os dados biográficos de Elpino Duriense apontam para o seu contacto com grande diversidade de pronúncias. Nascido no Porto em 1745, aí passa a sua infância até aos doze anos, idade em que acompanha os pais para o Brasil, onde faz os preparatórios (Latim, Grego, Retórica, Filosofia), até aos dezassete anos; segue então para Coimbra, em cuja Universidade obtém os graus académicos até ascender a lente em Direito Canónico e se mantém, salvo num período de afastamento para o Porto, até que se fixa na corte em 1790, para outras funções; e em Lisboa permanece até ao seu falecimento em 1818. O volume de *Poesias* onde figura a epístola que nos ocupa, o terceiro, fora publicado no ano anterior, completando assim a série de três, iniciada em 1812. Por outro lado, nenhum poema seu traz data, embora se possa notar que alguns são localizáveis no tempo, devido aos acontecimentos que os motivaram¹⁶, e que, por outro lado, já no primeiro tomo as epístolas às Musas pressupunham uma idade avançada¹⁷.

Uma vez que nenhum destes dados se pode considerar decisivo (compare-se com o caso de Verney, que, nascido em Lisboa de pais franceses e habitando em Roma desde os vinte e seis anos, durante a maior parte da sua vida, não perdeu a capacidade de observar que os nacionais “pronunciam mal muitas letras no meio, mas principalmente no fim das dicções”, nem de distinguir pronúncias dialectais e de colocar a norma ortoépica na pronúncia da Estremadura)¹⁸; voltando ao testemunho da epístola de Elpino Duriense, apenas poderemos, por conseguinte, observar que ele torna possível supor que a redução de *e* e *o* pretónicas tenha ocorrido só nos começos do século XIX.

¹⁶ Como o poema “A D. Francisco Rafael de Castro nomeado Reformador Reitor da Universidade (*Poesias* I, pp. 3-7); que o reporta a 1786.

¹⁷ “O Autor às suas Musas” (*Poesias* I, pp. 247-249, 265, 269).

¹⁸ Respectivamente, pp. 105-106, 71-72, 45, da edição de António Salgado Júnior na Coleção Clássicos Sá da Costa (Lisboa, vol. I, 1949).

É ocasião de perguntarmos qual o sentir dos poetas portugueses da contemporaneidade perante a sua própria língua. Propomos quatro exemplos para análise: Fernando Pessoa, Alberto de Lacerda, Jorge de Sena e Rui Knopfli, todos eles marcados pelo factor comum do bilinguismo, ou porque fossem educados num país de língua e tradição cultural anglo-saxónica (caso do primeiro e, em parte, do último¹⁹) ou porque nele se estabeleceram por um longo período da sua vida (caso dos três outros). Veremos que a língua materna se vai agora tornar sobretudo num factor de identidade espiritual, cultural, e não político nem social.

É assim que o semi-heterónimo Bernardo Soares – aquele que proclamava ter como livros de cabeceira a *Retórica* do P.^o Figueiredo e as *Reflexões sobre a Língua Portuguesa* de Cândido Lusitano – é assim, dizíamos, que ele afirmava, em frase muitas vezes repetida, que citamos sem a retirar do contexto:

Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, um sentido, um alto sentido patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa. Nada me pesaria que invadissem ou tomassem Portugal, desde que não me incomodassem pessoalmente. Mas odeio, com ódio verdadeiro, com o único ódio que sinto, não quem escreve mal português, nem quem não sabe sintaxe, nem quem escreve em ortografia simplificada, mas a página mal escrita, como pessoa própria, a sintaxe errada, como gente em que se bate, a ortografia sem ípsilon, como o escarro directo que me enoja independentemente de quem o cuspiisse.

O *Livro do Desassossego*, a que pertence o paradoxal fragmento, só veio a ser publicado em 1982, por Jacinto do Prado Coelho²⁰, mas o texto em causa é um dos raros que já haviam sido impressos, neste caso específico numa revista saída em 1931²¹. Assim se compreende que muito antes daquela data a frase central tenha emigrado para outros poetas, como em breve veremos.

Antes disso, porém, vale a pena atentarmos nalgumas afirmações, estas contidas no livro do ortónimo, publicado por Luísa Medeiros sob o título genérico de *A Língua Portuguesa*²². É na segunda parte,

¹⁹ É o próprio poeta que, em “Explicação Necessária”, que serve de prefácio a *Memória Consentida* (Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982), p. 391, se refere a “um período em que fui vagamente estudante em Johannesburg”.

²⁰ Lisboa, Ática, 2 vols. O fragmento encontra-se no vol. I, p. 17.

²¹ *Descobrimento. Revista de Cultura* 3 (1931) 409-410.

²² Lisboa, Assírio e Alvim, 1997.

intitulada “Defesa e Ilustração da Língua Portuguesa”, que se encontra esta curiosa história²³:

Um amigo meu, inglês, perguntou-me uma vez porque não traduzia eu para inglês certo livro português. Pensei, na minha inocência, que, tendo vivido muitos anos em Portugal, e falando português fluentemente, ele o tivesse lido e pensado que esse livro interessasse aos leitores ingleses. Para surpresa minha (hoje já não a teria) ele respondeu que achava que o livro devia ser interessante e que gostaria de o ler. Contudo, ele podia lê-lo tão facilmente quanto lê um jornal português, pois o livro não está escrito em português antigo e não contém dialectos (nem podia conter, porque em Portugal não existem dialectos). Porquê tudo isto? Porque Portugal é o seu escritório, não é a sua pátria, embora aí viva, e tão depressa pensaria ler um livro português por prazer, como mergulhar, por deleite, na leitura do livro da razão.

Na mesma linha de pensamento, dirá, mais adiante²⁴:

O conflito dos idiomas estabelece-se, hoje, quanto à universalidade possível, somente entre duas línguas – o inglês e o francês. Nenhuma outra pode aspirar a uma primazia de segunda língua nos bilingues. As vantagens estão todas do lado da Inglaterra

Estes textos não estão datados, mas a sua incidência em torno da Reforma Ortográfica de 1911 e do Acordo Ortográfico de 1931 permite atribuir-lhes um *terminus post quem*.

O célebre dito de Bernardo Soares vai ecoar em dois poetas da segunda metade do século: Jorge de Sena (“Em Creta com o Minotauro”) e o moçambicano Rui Knopfli (“Pátria”).

“Em Creta com o Minotauro” é precisamente um dos poemas mais difundidos de Jorge de Sena e, em especial, o começo da primeira estrofe²⁵:

Nascido em Portugal, de pais portugueses,
e pai de brasileiros no Brasil,
serei talvez norte-americano quando lá estiver.
Coleccionarei nacionalidades como camisas se despem,
se usam e se deitam fora, com todo o respeito

²³ *A Língua Portuguesa*, p. 109 (texto bilingue, de que citamos a versão portuguesa).

²⁴ *Ibidem*, p. 145. Mais adiante, p. 151, em texto também bilingue, pode ler-se: “Para o que queremos aprender leremos inglês; para o que queremos sentir, português. Para o que queremos ensinar, falaremos inglês; português para o que queremos dizer”.

²⁵ Pertencente a *Peregrinatio ad Loca Infecta* (Lisboa, 1969) figura actualmente em *Poesia – III* (Lisboa, Edições 70, 1989), pp. 74-75.

necessário à roupa que se veste e que prestou serviço:
 eu sou eu mesmo a minha pátria. A pátria
 de que escrevo é a língua em que por acaso de gerações
 nasci.

Em *A Poesia de Jorge de Sena: Testemunho, Metamorfose, Peregrinação*²⁶, Jorge Fazenda Lourenço, depois de precisar que só os três primeiros versos são autobiográficos, observa, com extrema agudeza: “Com efeito, o que é notável no movimento semântico deste poema é a subtil transição do plano autobiográfico para o plano simbólico, passagem esta simbolizada pelo despojamento representado nos versos 4-6”. Reconhecendo a evidência do modelo pessoano, o ensaísta prossegue identificando “esta pátria do v. 9 com a pátria da poesia”, “ou, num sentido mais amplo”, a literatura portuguesa, hipótese que apoia num passo de uma carta a Mécia de Sena de 13-15 de Setembro de 1971: “Portugal definitivamente não me interessa (a minha pátria é a literatura portuguesa)”. Apenas poderemos objectar que, cinco anos depois, em poema ironicamente intitulado “Noções de Linguística”²⁷, o autor parece exprimir uma certa decepção, quando, partindo de uma cena doméstica, nega furiosamente a tradicional concepção de perenidade de uma língua:

Ouço os meus filhos a falar inglês
 entre eles. Não os mais pequenos só
 mas os maiores também e conversando
 com os mais pequenos. Não nasceram cá,
 todos cresceram tendo nos ouvidos
 o português. Mas em inglês conversam,
 não apenas serão americanos: dissolveram-se,
 dissolveram-se num país que não é deles.
 Venham falar-me dos mistérios da poesia,
 das tradições de uma linguagem, de uma raça,
 daquilo que se não diz com menos que a experiência
 de um povo e de uma língua. Bestas!

Também Helder Macedo aproxima estes dois poemas²⁸, concluindo, em relação a este último, que, embora seja também “um poema de diáspora (...) adquire uma mais ampla significação nacional

²⁶ Paris, Centro Cultural Calouste Gulbenkian, 1998. As citações que se seguem provêm de pp. 112-113. Para outra interpretação, vd. Helder Macedo, “De amor e de poesia e de ter pátria” in Gilda Santos (org.), *Jorge de Sena em Rotas Estrangeiradas* (Lisboa, Edições Cosmos, 1999) pp. 136-137.

²⁷ Proveniente de *Exorcismos* e também incluído em *Poesia – III*, p. 145.

²⁸ No ensaio citado na nota 26, pp. 138-139.

que aliás é tanto mais alarmante quanto resulta da experiência individual de quem sabia que não há outra pátria além da língua em que por acaso de gerações nascemos”.

A célebre afirmação de Fernando Pessoa-Bernardo Soares, vai reaparecer noutro grande contemporâneo, desta vez, Rui Knopfli, discípulo confessado, aliás, do poeta dos heterónimos, que de si mesmo diz²⁹:

Sigo da margem
o rio dos teus versos
Alguma vez todos os poetas
se encontram contigo.

Tal presença avista-se no que é talvez o mais impressionante livro do autor, *O Escriba Acocorado*, aquele em que avulta a iminência de uma catástrofe dilacerante e de uma dolorosa opção existencial nos anos, cruciais para o seu país, de 1971 a 1977, sobre um fundo cultural que parte da *Iliada*, conforme já procurámos evidenciar noutro lugar³⁰ e como, aliás, o próprio poeta revela nas “Notas ao texto” com que termina o volume³¹. É aí, efectivamente, que ele adverte, a propósito do verso final do poema “Pátria”³²

..... legado
de palavras, pátria, é só a língua em que me digo

de que “é menos, embora também, uma alusão ao conhecido aforismo de Pessoa do que ao Sena, tomando o seu café com o Minotauro em Creta”³³.

É ocasião de lembrar como a interiorização do significado vivencial do uso de uma língua com um passado afeiçoado por séculos regressa nestes poetas num contexto bem diferente do do soneto de António Ferreira que mencionámos no princípio destas considerações.

Outro poeta moçambicano que, como este, optou por viver em Inglaterra, Alberto de Lacerda, parece divergir dele, quando, no

²⁹ “Pessoa Revisited”, *Memória Consentida* (Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1982), p. 90.

³⁰ *Portugal e a Herança Clássica e Outros Textos* (Porto, Edições Asa, 2003), pp. 171-180. Também Luís de Sousa Rebelo chama a atenção para estas intertextualidades, no prefácio a *Memória Consentida*, pp. 17-21.

³¹ *Memória Consentida*, p. 387.

³² *Memória Consentida*, p. 364.

³³ *Memória Consentida*, p. 387.

poema “Londres reencontrada – 1963”, transfere para esse país o seu sentimento de pertença, e o faz, de mais a mais, em termos camonianos, ao terminar³⁴:

Esta terra
paraíso da humana dignidade
é a ditosa pátria minha amada
enquanto a outra
disser à luz ao amor à liberdade
que não

Dependente de um contexto político bem concreto, necessário se torna reconhecer que ele não se enquadra no âmbito que nos propusemos delimitar. Esse lugar pertence a uma outra composição sua com o título “A Língua Portuguesa”, em que reaparecem, com belas metáforas vindas de todos os quadrantes, oxímoros resplandecentes e um ritmo trepidante, quase todos os *topoi* que temos encontrado até agora³⁵. Permitam-me que a recorde na íntegra:

Esta língua que eu amo
com seu bárbaro lanho
seu mel
seu helénico sal
e azeitona
esta limpidez
que se nimba
de surda
quanta vez
esta maravilha
assassinadíssima
por quase todos que a falam
este requebro
esta ânfora
cantante
esta máscula espada
graciosíssima
capaz de brandir os caminhos todos
de todos os ases
de todas as danças
esta voz
esta língua
soberba

³⁴ *Oferenda I* (Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984), p. 413.

³⁵ *Oferenda I*, pp. 316-317. O poema faz parte de *Exílio*, mas, contrariamente ao que sucede com a maioria dos que pertencem a essa colectânea, não está datado. É, no entanto, provável que, como outros, tenha sido composto entre 1961 e 1962.

capaz de todas as cores
todos os riscos
de expressão
(e ganha sempre a partida)
esta língua portuguesa
capaz de tudo
como uma mulher realmente
apaixonada
esta língua
é minha Índia constante
minha núpcia ininterrupta
meu amor para sempre
minha libertinagem
minha eterna
virgindade

Encerramos assim esta avaliação de quatro séculos a poetas portugueses de formação e sensibilidades bem diferenciadas. Não foi uma análise exaustiva³⁶. Esperamos, no entanto, que tenha sido suficiente para demonstrar como, no circunstancialismo ondulante da História e na vastidão da diáspora por quatro continentes, o valor aglutinante da comunidade de uma expressão verbal rica e variada pode manter-se e perpetuar-se.

³⁶ Podem ver-se mais exemplos (que incluem também escritores brasileiros) na antologia organizada por Agostinho de Campos, *Paladinos da Linguagem* (Lisboa, Bertrand, 1920-1926), 3 volumes.